



4201 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)  
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

TECENDO OS FIOS DA ORALIDADE: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR  
Camila da Silva Lisboa - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Emília Peixoto Vieira - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Realizado no contexto do Mestrado Profissional em Educação esta pesquisa estabeleceu como objetivos centrais: compreender como se materializa o ensino da oralidade no 1º ano do Ensino Fundamental e contribuir para a formação dos professores que atuam no Ciclo de Alfabetização da rede pública de Ilhéus – Ba. Buscando contemplar a oralidade como um fenômeno multifacetado, recorremos a fontes bibliográficas que nos ajudaram a compreender, a partir de uma leitura da Filosofia e Linguística, como a língua oral foi se constituindo ao longo da história da humanidade, bem como no currículo escolar, assim como a definição de língua e linguagem, de língua oral, de práticas de oralização; o trabalho com os textos da tradição oral e com a variação linguística; a relação entre a oralidade e a escrita e a didatização dos gêneros orais públicos por meio de sequências didáticas. Delimitou-se o Estudo de Caso como método de pesquisa, numa abordagem qualitativa. Os resultados sinalizaram que o ensino da oralidade ainda não está consolidado nas práticas de ensino dos professores do Ciclo de Alfabetização.

**Palavras-chave:** Oralidade; práticas de ensino; professor alfabetizador.

#### Resumo

Realizado no contexto do Mestrado Profissional em Educação esta pesquisa estabeleceu como objetivos centrais: compreender como se materializa o ensino da oralidade no 1º ano do Ensino Fundamental e contribuir para a formação dos professores que atuam no Ciclo de Alfabetização da rede pública de Ilhéus – Ba. no que se refere a este eixo de ensino. Buscando contemplar a oralidade como um fenômeno multifacetado, recorremos a fontes bibliográficas que nos ajudaram a compreender, em primeira instância, a partir de uma leitura da Filosofia e Linguística, como a língua oral foi se constituindo ao longo da história da humanidade, bem como no currículo escolar, assim como a definição de língua e linguagem, de língua oral, de práticas de oralização; o trabalho com os textos da tradição oral e com a variação linguística; a relação entre a oralidade e a escrita e a didatização dos gêneros orais públicos por meio de sequências didáticas. Delimitou-se o Estudo de Caso como método de pesquisa, numa abordagem qualitativa. Os resultados sinalizaram que o ensino da oralidade ainda não está consolidado nas práticas de ensino dos professores do Ciclo de Alfabetização. Conclui-se, daí que é necessário um forte investimento em políticas públicas que assegurem: a formação dos professores para trabalhar com o eixo oralidade em sala de aula; a elaboração de documentos parametrizadores consistentes; e a publicação de materiais com modelos didáticos que apoiem o professor no trabalho com a modalidade oral.

**Palavras-chave:** Oralidade; práticas de ensino; professor alfabetizador.

#### Introdução

Esta pesquisa foi realizada no período que compreende o segundo semestre de 2016 e 2017. Balizados pelos estudos de Bagno (2014), Castilho (2014); Marcuschi (2001, 2002, 2007 e 2008); Leal, Brandão e Lima (2012); Gomes e Moraes (2013); Costa Val (1996); Franchi (2012); Bortoni-Ricardo e Oliveira (2013) e Dolz e Schneuwly (2004) partimos da premissa de que a língua é um constructo social e de que, para que o trabalho com a oralidade se efetive em sala de aula no Ciclo de Alfabetização, é necessário pensar em práticas de ensino consistente que envolve uma multiplicidade de aspectos que neste trabalho chamamos de facetas: as práticas de oralização, o trabalho com os textos da tradição oral, a relação entre o texto oral e o escrito, o trabalho com a variação linguística, o trabalho com os gêneros orais públicos. Essa nomenclatura fez uma referência explícita às “múltiplas facetas” definidas por Soares (2015) para a alfabetização, dada também a complexidade desse processo.

Partimos do pressuposto de que, para se tornarem usuários competentes da língua oral, os estudantes precisam vivenciar na escola situações de ensino que oportunizem o contato com essas facetas, como *firos que se tecem*.

O nosso entendimento é de que só existe uma forma para atingir o objetivo de promover o ensino da oralidade em suas múltiplas facetas: criar condições para que o professor assuma o protagonismo do ensino, refletindo sobre sua ação, para a partir daí planejar estratégias de trabalho significativas e eficazes.

No entanto, as pesquisas no campo da oralidade têm apontado para uma realidade contrária, mostrando que o ensino deste eixo tem, historicamente, sido relegado a práticas de ensino espontâneas, não planejadas e assistemáticas.

Por que isso ocorre? Para tentar responder a essa pergunta, fez-se necessário visitar o complexo e, por isso mesmo, fascinante território da sala de aula, investigando o que o professor ensina, como ele ensina e para que ensina as habilidades e os conteúdos da língua falada.

## Metodologia

A questão de pesquisa que orientou o nosso estudo foi: como o trabalho com a oralidade é desenvolvido nas práticas de ensino de uma professora alfabetizadora do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no município de Ilhéus, Bahia?

A nossa hipótese inicial era de que existia uma cultura instituída no currículo escolar de negação da oralidade como eixo de ensino e consequentemente a não sistematização de atividades de ensino que promovessem o desenvolvimento das capacidades linguísticas pelos alunos no que se refere às práticas sociais que envolvem o uso da língua oral.

Para atingir o nosso propósito, selecionamos o Estudo de Caso qualitativo como caminho metodológico, pois consideramos essa abordagem de pesquisa a mais adequada para responder os nossos objetivos, porque ela possibilita uma análise em profundidade de um fenômeno particular, que leva em consideração o contexto e suas múltiplas dimensões, concebendo o conhecimento como um fenômeno social, que sofre a influência dos sujeitos e de suas interações cotidianas.

A **primeira etapa** do nosso trabalho se constituiu na realização de uma entrevista semiestruturada com a professora sujeito da pesquisa, a fim de compreender: como sua trajetória profissional foi se configurando desde os tempos em que ela era aluna da Escola Básica, quais concepções ela manifestava sobre a oralidade, e como ela as materializa em suas práticas de ensino.

Na **segunda etapa**, a princípio, realizaríamos a análise dos seguintes documentos curriculares: Proposta Curricular da rede de ensino, Plano de Curso da escola para a área de Língua Portuguesa e planos de aula da professora, exercício 2016. No decorrer da pesquisa, dois outros documentos foram incluídos como fontes de informação para a nossa pesquisa: o Diário de Classe da rede municipal de ensino e a Planilha dos Saberes do Ciclo 2, Fase I (Ano 1).

Na **terceira etapa**, realizamos a observação de campo. Visando uma análise qualitativa dos sujeitos, dos espaços e de situações de ensino, ficamos na escola durante trinta e um dias não cronológicos, durante quatro horas diárias. Assim, o grau de observação da pesquisadora foi de imersão total na realidade. O trabalho começou com um pesquisador espectador que se transformou em um pesquisador participante.

Na **quarta e última** etapa da pesquisa, correspondente ao produto final deste trabalho, foi realizado um encontro com professores do Ensino Fundamental, anos iniciais, da rede municipal de Ilhéus, para discutir o ensino da oralidade. A professora, sujeito da pesquisa, foi a protagonista desse momento. Nesse encontro, foram apresentadas algumas das atividades de ensino elaboradas pela professora em parceria com a pesquisadora, além de um momento de reflexão teórica sobre o tema. O planejamento dessa etapa ocorreu em uma semana. O encontro com os professores teve a duração de oito horas e aconteceu através de um consórcio firmado entre a pesquisadora e quatro escolas vinculadas ao Sistema Municipal de ensino.

## Resultados e discussões

Assumimos neste trabalho uma concepção sociointeracionista de linguagem que compreende este fenômeno como uma atividade histórica e coletiva, que se materializa através dos diversos gêneros textuais, orais ou escritos, em situações reais de comunicação. Nessa perspectiva, a função da escola é a de oferecer aos alunos oportunidades para que eles ampliem seu repertório linguístico, através da vivência diversificada de práticas de linguagem que favoreçam o desenvolvimento de novas competências de usos da língua.

Assim, na contramão de uma tessitura de fios, que considera a oralidade como o lugar da desordem, da informalidade, da falta de regras, da fragmentação e da simplicidade, as correntes sociointeracionistas, assumem a concepção de que a oralidade e a escrita são constructos sociais pertencentes a um mesmo sistema linguístico.

No entanto, infelizmente, o que as pesquisas vêm constatando é que o trabalho com a oralidade em sala de aula não é devidamente planejado, necessitando de atenção, tanto dos estudiosos da língua, quando dos professores que atuam na regência da sala de aula.

Postulamos que o ensino da oralidade no processo de alfabetização envolve, pelo menos, cinco facetas: as práticas de oralização, o trabalho com os textos de tradição oral, o trabalho com a relação entre a oralidade e a escrita, o trabalho com a variação linguística, o trabalho com os gêneros orais públicos.

A pesquisa confirmou as nossas hipóteses iniciais. Através da análise dos planos de aula da professora do ano de 2016, confirmamos que, não havia um trabalho que contemplasse toda as facetas do trabalho com a oralidade, conforme comprova a tabela abaixo.

Tabela 1 – Práticas de oralidade da professora por categoria de análise

CATEGORIA DE ANÁLISE	QUANTIDADE
Práticas de oralização	125
Trabalho com gêneros orais públicos	01
Trabalho com os textos de tradição oral	66
Trabalho com a variação linguística	01
Relação entre o oral e o escrito	00
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	193

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir dos planos de aula da professora para 2016.

Duas facetas foram se revelando como fios condutores das práticas de ensino desenvolvidas pela professora: as práticas de oralização e o

trabalho com os textos da tradição oral.

Acreditamos que esta prática é reflexo, dentre outras coisas, da educação escolar da professora, que segundo ela mesma foi numa perspectiva tradicional. Assim, no início da pesquisa a professora evidenciou ter um repertório limitado e uma concepção não muito clara de quais objetos de conhecimento deveriam estar presentes em seu planejamento, quando relatou as estratégias que utilizava em seu dia a dia para promover o desenvolvimento das capacidades linguísticas dos alunos com este eixo de ensino.

Outro dado levantado por esta pesquisa diz respeito a necessidade de mudança nos documentos curriculares que subsidiam a elaboração das práticas de ensino da professora, pois eles não explicitam com clareza o que o professor deve ensinar, como deve ensinar e para que deve ensinar. Grande parte dos indicadores de aprendizagem destes documentos dimensiona a linguagem oral como meio para a aquisição da escrita.

Após a análise da entrevista semiestruturada, dos documentos curriculares da rede municipal de Ilhéus, do Plano de Curso da Escola Raio de Luz, dos planos de aula da professora Sol do exercício letivo de 2016, e da observação das práticas de ensino da professora nas duas primeiras semanas de aula do ano letivo de 2017, tínhamos um repertório de dados que nos permitiria dialogar com a professora para tomar a língua oral como objeto do conhecimento propondo situações de ensino para todas as facetas definidas neste trabalho.

Nestas propostas procuramos dar à oralidade o status de eixo de ensino em patamar de igualdade com a leitura, a escrita e a análise linguística, extrapolando situações que envolvessem exclusivamente conversas e discussões com os alunos sobre temas variados, sem a ocorrência de um planejamento que contemplasse, de forma explícita e sistemática, atividades que proporcionassem aos alunos desenvolverem suas capacidades orais.

## Considerações

Acreditamos que, para que mudanças significativas aconteçam nas práticas de ensino dos professores, é necessário um longo investimento na formação continuada desses profissionais. Defendemos uma formação em serviço que ofereça aos professores oportunidades de pensarem sobre sua própria prática, a partir da tematização de suas experiências de ensino.

Além disso a ausência de publicações com modelos didáticos que orientem o professor sobre o que ensinar, como ensinar e para que ensinar, fragilizam ainda mais as práticas de ensino do professor com o eixo da oralidade.

Essa ausência, talvez, explique o fato de, desde a publicação dos PCN em 1997, a oralidade ter atingido o status de eixo de ensino, mas nunca ter alcançado, efetivamente, o status de objeto de ensino na maioria das salas de aula.

De posse dos dados iniciais que coletamos, tivemos a oportunidade, durante a pesquisa, de refletir com a professora sobre o trabalho com a oralidade em sala de aula. A partir dessas reflexões, foram elaboradas, em conjunto com a professora, as soluções didáticas para o trabalho com a língua falada em suas múltiplas facetas. O engajamento da professora tanto nas discussões teóricas como na elaboração das atividades se contrapõe à ingenuidade daqueles que creditam à incapacidade ou à má vontade do professor o fracasso no ensino de língua portuguesa.

No nosso entendimento, é necessário que tanto a formação inicial como a continuada ofereçam, a partir de orientações sólidas nos níveis conceitual e metodológico, ao professor, a oportunidade de construir um arcabouço que lhe dê a confiança para assumir, de fato, a oralidade como objeto de ensino. Para nós, essa é única possibilidade de diminuirmos o abismo entre o que preconizam os documentos oficiais e o que se verifica nas práticas de ensino dos professores.

Além disso, os sistemas, as redes e as instituições escolares precisam organizar os seus currículos no intuito de contextualizar para o professor os conteúdos de ensino, orientando-os sobre as formas de organização do currículo e ajudando-os a selecionar estratégias didáticas para o ensino dos diferentes componentes curriculares.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística**: pondo os pingos nos ii. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; OLIVEIRA, Tatiane de. Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno? In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (orgs). **Os doze trabalhos de Hércules**: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: de língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria do Ensino Fundamental, 1997.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino de português**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Entre a oralidade e a escrita**: o desenvolvimento da representação de discurso narrativo escrito em crianças em fase de alfabetização. Tese de doutoramento pela FAE, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 1996.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do alfabetizar letrando**: da oralidade à escrita. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a tradição oral**. São Paulo: Cortez, 2013

LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LIMA, Juliana de Melo. A oralidade como objeto de Ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos? In: LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane (orgs.). **A oralidade na escola**: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.